

Zaira Regina Zafalon  
Alessandra dos Santos Araújo  
Martha Suzana Cabral Nunes  
Márcia Ivo Braz  
(Organizadoras)

**PERCURSOS DE PESQUISA EM  
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
organização da informação e do  
conhecimento e aplicações tecnológicas**

São Paulo  
Abecin Editora  
2021

## CAPÍTULO 5

# O LIVRO DE FOTOGRAFIA NO CONTEXTO DA BIBLIOTECONOMIA: O CASO DA BIBLIOTECA DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES

*Renata Fernandes Veloso Baralle*

*Marivalde Moacir Francelin*

### 1 INTRODUÇÃO

A expressão “livro de fotografia” já sugere em seu próprio nome um elo entre a Fotografia e a Biblioteconomia. Um dos desdobramentos da crescente produção e difusão de informações através de recursos visuais é a presença crescente desse tipo de publicação nas bibliotecas, instituições que podemos encarar como um corpus representativo da produção do conhecimento até os nossos dias.

Sob o prisma da Biblioteconomia, o livro de fotografia pode nos apresentar duas facetas como objeto de pesquisa: seu aspecto de fonte de informação sobre os assuntos tratados nas imagens que contém; e como objeto informacional autônomo, ligado à literacia visual, à história da fotografia e seus desdobramentos ao longo da história.

Uma importante distinção entre o livro de fotografia e a imagem fotográfica avulsa reside no fato do livro constituir uma compilação de imagens contextualizadas, ou seja, a imagem fotográfica no livro existe tanto como documento único como uma peça de um grande quebra-cabeças cuja unidade constitui o

livro.

Em alguns casos, o vínculo entre as imagens não é tão relevante a ponto de influenciar o significado geral da obra - como no caso dos catálogos de exposição, que além do recorte curatorial, costumam ter como fio condutor apenas o fato das fotografias terem “coabitado” o mesmo espaço físico em um dado momento. Em outros casos, no entanto, o significado geral da obra passa pelo entendimento da articulação conceitual entre as imagens. Esse é o caso dos chamados “fotolivros”, que caracterizaremos melhor mais adiante.

Este trabalho foi motivado sobretudo pelas perguntas que costumavam surgir no dia-a-dia do setor de processamento técnico da Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles, em São Paulo. Afinal, o acesso aos livros de fotografia pode ser negativamente influenciado pelo desconhecimento de suas características e particularidades como suporte informacional? O tratamento técnico que dispensávamos a eles deveria ser diferente daquele cedido ao documento fotográfico individual? Em suma, devemos indexar da mesma forma uma fotografia única e um livro fotográfico?

Partindo desses questionamentos, procuramos expor e analisar as particularidades dos livros de fotografia tendo como foco o aprimoramento da representação deste tipo de material. Para isso, buscamos caracterizar os livros de fotografia sob uma perspectiva histórica. Apontando suas características documentais, discutimos o tratamento dispendido a este tipo de material em um serviço de informação especializado e identificamos a forma pela qual essas informações são efetivamente demandadas pelos usuários de um serviço de informação, no caso a Biblioteca de Fotografia do Instituto

Moreira Salles<sup>7</sup>.

Esta abordagem nos possibilitou a adoção de uma análise qualitativa, permitindo identificar sob quais aspectos os usuários interessados em Fotografia buscam por este tipo de material - fator essencial para o aprimoramento das práticas de indexação e descrição no processamento técnico especializado.

## 2 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO, FONTE DE INFORMAÇÃO E EXTENSÃO DA REALIDADE

O livro de fotografia é uma fonte de informação<sup>8</sup>. O uso documental da imagem fotográfica e seu valor intrínseco como fonte de informação é abordado por Miguel (1993) ao apresentar uma visão histórica do documento fotográfico vinculando-o ao grau de desenvolvimento tecnológico do meio. Em sua fase

---

<sup>7</sup> Através de uma pesquisa com caráter exploratório e interdisciplinar, lançamos mão de uma revisão de literatura em torno do livro de fotografia e os conceitos que o tangenciam. Os dados da pesquisa conceitual foram essenciais para fomentar uma discussão sobre os aspectos práticos que envolvem o livro fotográfico no contexto de uma biblioteca — aspectos estes observados através de um estudo de caso na Biblioteca de Fotografia do IMS, que envolveu a compilação e análise dos *logs* de busca no catálogo virtual da instituição. Ao todo foram analisados 2.276 termos empregados pelos usuários em suas buscas no terminal web da biblioteca entre os meses de junho e agosto de 2018. A partir da lista geral de termos obtidos por meio de relatórios do sistema, realizamos a classificação das expressões de busca nas categorias: Autores, Títulos, Gêneros fotográficos, Temas fotográficos, Técnicas fotográficas, Temas gerais, Áreas diferentes da Fotografia, Lugares, Período de tempo, Especificação de materiais, além de termos inválidos (tentativas reiteradas para uma mesma questão de busca e palavras sem sentido).

<sup>8</sup> O conceito de fonte de informação pode ser encarado como a “[...] origem física, ou lugar onde uma informação pode ser encontrada” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 172), ou as “[...] pessoas ou instituições que fornecem informações pertinentes a determinada área, fatores essenciais para se produzir conhecimento” (OLIVEIRA; FERREIRA, 2009, p. 70).

embrionária, segunda a autora, a fotografia não era considerada uma fonte de informação confiável por causa de suas limitações técnicas que impediam o registro de cenas espontâneas, restringindo o meio ao seu uso em cenas posadas. Miguel salienta que a subutilização da imagem fotográfica como documento também se devia à própria noção do que constituía uma fonte documental válida na época, já que a historiografia tradicional impunha seu próprio viés do que se poderia considerar uma “fonte de informação”.

No que diz respeito ao tratamento da informação visando o uso documental, Smit (1996) segue a linha de Dubois ao afirmar que a percepção da fotografia deve considerar primordialmente o seu valor utilitário. Observa-se, no entanto, que tal valor tem sido condicionado ao longo da história pelo conceito de fotografia-índice (SMIT, 1996, p. 29), segundo o qual podemos encarar a imagem fotográfica como uma via de mão dupla: por um lado, contemplamos uma representação objetiva da realidade, uma ponte direta com o referente ali registrado; de outro, nos deparamos com a relatividade inerente à percepção da imagem, ambiguidade essa influenciada por fatores culturais e contextuais envolvidos na sua percepção.

De encontro à abordagem de Smit (1996), Gastaminza (2010, p. 14) afirma que “[...] para compreender a dimensão documental da fotografia é preciso analisar a relação que estabelece com a realidade.” O autor aponta três modos de relação entre a fotografia e o mundo: o modo simbólico, o modo epistemológico e o modo estético. O modo simbólico estaria relacionado ao uso da imagem fotográfica em sua dimensão de símbolo mágico ou religioso, como por exemplo o retrato de Che Guevara, *Guerrillero heroico*, de Alberto Korda (KORDA, 1960). O

modo epistemológico, por sua vez, envolve o poder da imagem de carregar informações sobre o mundo - como no caso da fotografia documental. Já o modo estético é aquele comprometido em provocar sensações específicas em seu observador.

Os modos de relação entre a fotografia e o mundo, indicados por Gastaminza (2010), também emergem dos livros de fotografia não apenas como imagens únicas, mas como conjuntos de relações que se concatenam na noção de continuidade proposta pelo formato do livro.

Ao realizar a análise temática em alguns livros de fotografia é possível observar um paralelo entre as narrativas visuais e os modos de relacionamento da imagem fotográfica com o mundo, preconizados por Gastaminza (2010). Em *A Shimmer of Possibility*, do fotógrafo inglês Paul Graham, notamos que a análise individual de cada imagem seria diferente daquela obtida através de uma interpretação associativa. Ao visualizarmos duas imagens em sequência - um morador de rua e uma criança sozinha no parque (GRAHAM, 2009) - poderíamos atribuir descritores como “pobreza”, “morador de rua”, “criança” ou “solidão”.

No caso de uma leitura associativa, considerando que ambas sejam integrantes de um mesmo discurso narrativo, optaríamos por termos que evidenciam essa relação, como “condições sociais”. Desta maneira, ao lançar mão da dimensão simbólica da imagem fotográfica, o autor remete não aos dados factuais de cada imagem, mas sim à articulação que permite uma leitura contextual e discursiva.

A proposição de uma leitura articulada é endossada por

Sánchez (2018) à medida em que, no contexto de um fotolivro, as imagens como entidade individual podem não ter uma significação constante, ou seja, ao analisarmos a mesma fotografia de forma isolada e no contexto de um fotolivro é possível obter significados diferentes a partir de um referente comum. Desta forma, o autor indica que o significado de uma fotografia individual depende do contexto visual em que ela se insere.

### **3 FOTOLIVRO, LIVRO DE FOTOGRAFIA E LIVRO FOTOGRAFICAMENTE ILUSTRADO: DEFINIÇÕES POSSÍVEIS**

Desde a sua produção ao posterior ingresso em uma biblioteca podem emergir eventuais discussões sobre a definição do livro de fotografia e congêneres como tipologias documentais. Feldhues (2018) discute as diversas acepções presentes na literatura, que vão de “livro fotográfico” até os chamados “fotolivros”. Segundo a autora, os livros de fotografia abrangem tanto aqueles que se referem à imagem fotográfica (como livros teóricos ou sobre história da fotografia), quanto os chamados livros fotográficos (aqueles em que a imagem fotográfica adquire protagonismo na concepção da obra). Outros tipos de livros que contém imagens fotográficas não são classificados como livros de fotografia, como os chamados ‘livros ilustrados por fotografia’, onde a fotografia adquire um papel secundário de sustentação do texto, ou os álbuns familiares, devido à intencionalidade de sua circulação se restringir à esfera privada.

A partir da pesquisa de Feldhues (2018) podemos sinalizar uma característica comum aos livros de fotografia: são aqueles

que têm a imagem fotográfica como motivo central de sua concepção, sejam eles textuais ou iconográficos. Esses livros podem ainda se dividir entre aqueles que servem de registro para exposições ou prêmios fotográficos (catálogos, anuários) ou aqueles concebidos para constituírem a “obra final” do fotógrafo, culminando nos fotolivros.

Desta forma, temos que uma característica marcante dos fotolivros é o fato de constituírem obras autônomas e não o suporte secundário de outras obras, sejam elas textuais ou fotográficas. Um catálogo, por exemplo, não poderia ser definido como fotolivro porque seria um tipo de publicação subsidiária de outra modalidade de divulgação fotográfica - a exposição (SANCHES, 2018).

Livros que apresentam textos críticos sobre fotografia (como algumas referências bibliográficas citadas neste trabalho) também não poderiam ser caracterizados como fotolivros já que o seu discurso não é desenvolvido através de imagens fotográficas, mas sim por representações textuais. Nos livros fotograficamente ilustrados, por seu turno, observamos que as fotografias serviriam para balizar textos e não para constituir um discurso próprio. Neste sentido, podemos apontar uma consonância conceitual nas definições propostas por Feldhues (2018) e Armstrong (1998), que se refere à caracterização das primeiras publicações fotográficas históricas como “livros fotograficamente ilustrados”, onde a imagem fotográfica era utilizada para balizar os textos que acompanhava.

Sánchez (2018) vai além da enunciação de uma contraposição semântica evidente entre a fotografia isolada e a fotografia no contexto sequencial ao afirmar que a primeira remete ao seu referente enquanto que a fotografia no contexto



de um fotolivro remete ao próprio livro, estabelecendo, assim, relações com seus elementos intrínsecos (que podem ser formais ou referentes às narrativas).

Essa contraposição referencial entre a fotografia isolada e a fotografia contextual é de suma importância no processo de leitura técnica para fins de indexação, posto que se abre para o indexador duas vias para a criação de pontos de acesso: uma a partir da leitura de imagens únicas e outra a partir da leitura de imagens sequenciais, que em um conjunto articulado de forma e conteúdo visam a construção de um discurso. Essa mesma contraposição (ou “articulação intraimagética”) também pode ser encarada como uma ferramenta útil em atividades ligadas à literacia visual.

#### **4 ESTUDO DE CASO: BIBLIOTECA DE FOTOGRAFIA DO INSTITUTO MOREIRA SALLES**

Um ponto-chave na constituição deste trabalho foi identificar demandas reais por parte dos usuários frente a um acervo de livros de fotografia. Aspectos conceituais do trabalho de indexação foram confrontados com os registros de buscas dos usuários da Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles<sup>9</sup>.

Ao conduzir sua busca no acervo da Biblioteca de Fotografia do IMS, o usuário pode optar por uma série de filtros como “Título”, “Autor”, “Assunto”, “Editora”, “ISBN/ISSN” e “Série” ou realizar uma varredura abrangente em “Todos os campos” de cada registro.

---

<sup>9</sup> A Biblioteca de Fotografia do Instituto Moreira Salles foi inaugurada em 20 de setembro de 2017. Possui acesso livre ao público e está localizada no centro cultural do Instituto, na Avenida Paulista, em São Paulo, capital.

Por meio do levantamento quantitativo, observamos que os campos mais utilizados pelos usuários na condução de suas buscas foram, respectivamente, “Todos os campos” (1.714 termos pesquisados), “Assunto” (562 termos pesquisados), seguidos de “Título” (438 termos) e “Autor” (432 termos), procedidos dos demais campos.

Foram analisados um total de 2.276 termos correspondentes às entradas feitas pelos usuários nos campos “Assunto” e “Todos os campos”. As pesquisas realizadas nos demais campos (Título, Autor, Assunto, Editora, ISBN/ISSN e Série) foram contabilizadas apenas numericamente, considerando que os dados obtidos a partir desses campos não contém informações que podem ser analisadas de forma qualitativa. A partir dos termos utilizados pelos usuários em suas pesquisas nos campos “Assunto” e “Todos os campos”, foi realizada uma categorização das expressões utilizadas chegando a 12 tipos de termos principais mais utilizados pelos usuários.

No âmbito dos termos procurados pelos usuários em “Todos os campos”, a informação que mais se destacou foi a elevada quantidade de buscas por nomes de autores, figurando mais que o dobro de entradas do que o segundo tipo de termo mais pesquisado (títulos). O terceiro tipo de entrada que mais se destacou foi o atribuído à categoria “Temas gerais”, seguido de “Locais” e “Temas Fotográficos”. Desta forma, notamos que o aspecto da publicação mais pesquisado pelos usuários é a autoria, mas que são poucos aqueles que especificam os nomes próprios no campo “Autor” para realizar suas pesquisas.

Por outro lado, ao segmentarmos as buscas no campo “Assunto”, a tendência é que os usuários busquem pelos chamados “Temas Gerais” (151 termos pesquisados), seguidos

dos “Autores” (82 termos), “Temas Fotográficos” (77 buscas) e “Gêneros Fotográficos” (40 termos). De forma geral, observamos que os tipos de informações mais pesquisadas pelos usuários constituem: busca por autores, títulos específicos e temas gerais.

Outro resultado que se destaca é que, quando se trata da busca por “Assunto”, os tipos de termos mais pesquisados pelos usuários da biblioteca são termos únicos, indicando uma baixa complexidade na formulação de questões de busca. Dentre os “Temas gerais” mais pesquisados estão “menino de rua”, “família”, “casamento”, “ditadura”, “escravidão” e “tecnologia”.

## 5 DISCUSSÃO

Uma das principais informações levantadas na pesquisa é a constatação do alto índice de busca por nomes de autores no catálogo da biblioteca estudada. Ou seja, os usuários têm conhecimento prévio no campo da Fotografia, o que não surpreende por ser uma biblioteca especializada.

No que diz respeito aos termos referentes a “Assunto”, nota-se que os níveis de complexidade adotados pela política interna de controle de vocabulário foram considerados satisfatórios em relação às necessidades dos usuários. Quanto a isso, cabe aos bibliotecários considerar, quando defrontados com este tipo de material, a adoção de diferentes níveis de generalidade / especificidade para o estabelecimento de descritores em suas diretrizes internas para o controle de vocabulário (SUNDT, 2009).

Ao observarmos, por exemplo, o termo “família” - buscado 15 vezes no período estudado - o resultado de busca nos apresenta diversas facetas do mesmo tema. No caso de acervos

culturais, Sundt sugere que a adoção de termos mais genéricos como este implica numa provável imprecisão dos resultados, mas ao mesmo tempo abre ao usuário a possibilidade de entrar em contato com outras facetas de um mesmo tema no decorrer de sua busca (SUNDT, 2002, p. 69).

Esta visão multifocal é corroborada por Harris (2010), do ponto de vista da literacia informacional e visual, ao facilitar o processo de entendimento dos diferentes processos socialmente acordados a respeito de um determinado assunto.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tratamento documentário dispendido aos livros de fotografia deve observar as características gerais da obra e não apenas os elementos presentes nas imagens individuais. Também é desejável que considere considerar os assuntos imanentes de vínculos entre os elementos do conjunto imagético apresentado.

Do ponto de vista da análise e representação de assuntos para a elaboração de índices de acesso, a observância dessas características relacionais pode implicar em um nível de generalização maior do que aquele dispendido à descrição de uma fotografia única. É neste ponto que uma política de indexação fiel apenas à intencionalidade do autor de uma obra pode acabar colidindo com o perfil de busca encontrado nos usuários do serviço estudado, que tendem a utilizar termos com maior especificação (nem sempre remetendo aos objetivos de significação intencionados pelo autor da obra).

Sendo assim, ao considerarmos os resultados da pesquisa, é necessário ter em vista um direcionamento de via dupla para o bibliotecário diante deste tipo de documento: a observância de

características específicas e pontuais da obra em questão e os sentidos que emergem de uma leitura relacional, sem perder de vista a necessidade da criação de instrumentos suplementares de difusão, objetivando uma contemplação ampliada por parte do usuário do potencial informativo contido no livro de fotografia.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Carol. *Scenes in a Library: Reading the Photograph in the Book, 1843–1875*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

FELDHUES, Marina. Fotolivros: (in)definições. *In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 20., 2018, Juazeiro. Anais [...]*. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/37027313/Fotolivros\\_in\\_defini%C3%A7%C3%B5es](https://www.academia.edu/37027313/Fotolivros_in_defini%C3%A7%C3%B5es). Acesso em: 22 set. 2018.

GASTAMINZA, Félix Del Valle. *Manual de Documentación Fotográfica*. Madrid: Síntesis, 2010.

GRAHAM, Paul. *A Shimmer of Possibility*. Göttingen: SteidlMACK, 2009. Disponível em: [https://josefchladek.com/book/paul\\_graham\\_-\\_a\\_shimmer\\_of\\_possibility\\_1](https://josefchladek.com/book/paul_graham_-_a_shimmer_of_possibility_1). Acesso em: 26 mar. 2021.

HARRIS, Benjamin R. Blurring borders, visualizing connections. *Reference Services Review*, Bradford, v. 38, n. 4, p. 523-535, 2010. Disponível em: <https://search-proquest.ez67.periodicos.capes.gov.br/docview/822811964?accountid=14643>. Acesso em: 22 set. 2018.

KORDA, Alberto. *Guerrillero heroico*. 1960. 1 fotografia.

Disponível em:

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Heroico1.jpg>. Acesso em: 25 mar. 2021.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. A fotografia como documento:

uma instigação à leitura. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1/2, p. 121-132, 1993. Disponível em:

<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/issue/view/28>. Acesso em: 21 jul. 2018.

OLIVEIRA, Ely Francina T. de; FERREIRA, Karen Eloise. Fontes de informação on line em arquivologia: uma avaliação métrica.

*Biblios*, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 69-76, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1302/589>. Acesso em: 26 mar. 2021.

SÁNCHEZ, Jonathan Paredes. *Análisis del fotolibro*

*contemporáneo como una plataforma de educación visual*. 2018.

122 f. Tese (Licenciatura em Design e Comunicação Visual) -

Facultad de Estudios Superiores Cuautitlán, Universidad Autónoma de México, 2018.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. *Informare* -

Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SUNDT, Christine L. The Image User and the Search for Images.

*In*: BACA, Murtha (ed.). *Introduction to Art Image Access: Issues, Tools, Standards, Strategies*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2002.